

18-12-2023

O GEÓGRAFO E O CHÃO FÉRTIL DAS VIVÊNCIAS

Alan Machado

[Doutor em Educação, linguista, psicanalista e professor da Universidade Estadual de Goiás]

Tive a grata oportunidade de ler, ainda no prelo, o livro “Crônicas Literogeográficas”, de Ricardo Jr. de Assis Gonçalves. Neste oportuno livro, ao qual me coube a honra de apresentar o autor, ele nos diz da literogeografia ser mais que uma palavra. E por que ele insiste em dizer que é mais que uma palavra? Porque Ricardo é um geógrafo vestido em um casaco literário e sabe desconfiar das palavras, das suas precisões e imprecisões. Sabe, numa suspeita pessoa, que navegar é preciso, mas viver não é preciso e a ciência, que navega em busca da precisão, muitas vezes relega ao esquecimento, como dejetos, a imprecisão, a própria vida. Aquecido pelos fios que os melhores mestres da literatura tramam sobre a paisagem, ele lê, como geógrafo e como educador, mais que o tecido duro, em preto e branco, normalmente oferecido pela fria técnica científica.

Ele deambula como testemunha das gentes no exercício da existência e encontra nessas trocas diárias aquilo que é ignorado: o sujeito fatiando o tempo, aos poucos, com sua singularidade histórica, com seu desejo, como o tio relojoeiro, à revelia dos ponteiros dos relógios, alimentando, em uma outra dimensão temporal, a vida no espaço, terreno por excelência do geógrafo, solo da matéria humana.

A literogeografia, me parece, é uma resposta consciente daqueles que sabem do poder medusino que as palavras têm quando tomadas de obsessão pela precisão, pela ordem. Segundo Adorno e Horkheimer é esse poder que transforma perigosamente a ciência em mito. Então, a geografia vai à literatura, reino da palavra livre, como diz Drummond, da “pá-lavra”, para desdomesticar a visão. Essa “pá-lavra” é aquela que escava, revira o solo dos sentidos tornando-o fértil; é a ferramenta que revolve o óbvio cristalizado como escudo contra a pluralidade e a mudança; é viés de trabalho sobre a matéria humana, é instrumento de cultivo, de plantio e de germinação de novos horizontes, da palavra que não tem medo do porvir, que flui sem medo de não saber para saber melhor. A sequência de textos urdidos pelo autor confirma

sua ideia principal sobre o que é o fazer literogeográfico: é “interpretar o sujeito e suas densas experiências enredadas no espaço”. Por isso, texto após texto, Gonçalves ora denuncia a precária condição humana perpetrada pela lógica do sistema, visivelmente exposta pela uberização da força de trabalho, ora vai esmiuçando costumes, gestos, fazeres e afazeres humanos apagados pelo tempo do relógio e do capital, mas que resistem no tempo real da existência.

O forçoso apagamento produz um desencontro catastrófico entre a densa realidade e os sujeitos presos na espessura mínima e unidirecional da ordem capitalista.

Essa unidirecionalidade cujo fim é a produção e o consumo desenfreados, seguidos do acúmulo de fortunas em poucas mãos, tem como suporte o impedimento do sujeito ao gozo do tempo como matéria que produz memória e identidade, que amplia o espaço. O resultado desse *modus operandi* é a pobreza de tudo: de espaço, de tempo, de cultura, de educação, de cidadania, de liberdade... Alcançar o lugar de sujeito consciente de sua posição no espaço, como fruir do tempo, só é possível, em sua plenitude, pela experimentação minuciosa das vivências. Experimentar a vida intensamente exige tempo disponível para alargar o espaço, para reconhecer as paisagens onde o viver se desenrola.

Perceber esse acontecer é estar no tempo. Tempo e espaço não são nada sem os sujeitos que interagem e se movem criando essas duas dimensões no simbólico de suas existências. Reduzir os sujeitos à clausura dos interesses do sistema é reduzir o tempo fazendo definir o espaço.

A melhor forma de domínio do humano é condenar sua experiência de tempo e de espaço à mera ordem da produção. Por outro lado, a forma mais subversiva de libertá-lo é romper a mão única do capital e fazer fluir o tempo para que o sujeito com ele possa tatear a realidade e descobrir o mundo de onde nunca saiu, mas que lhe foi negado pela ausência de codificação da experiência alargada das vivências diárias. A literogeografia enriquece o olhar e redimensiona o fazer geográfico. Isso está patente nas crônicas literogeográficas deste livro, que exaltam a necessidade urgente de revalorização do livro, da leitura, em permanente aliança com as vivências. Vale a pena ler.

Logo, logo, todos terão o privilégio de ler
“Crônicas Literogeográficas”, de Ricardo.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.